

## **Análise da estrutura narrativa própria aos Prólogos das *vitae liegenses* de mulheres piedosas.**

ANA PAULA LOPES PEREIRA<sup>1</sup>

As *vitae* de beguinhas e monjas cistercienses da diocese de Liège, na primeira metade do século XIII, oferecem um vasto material para a pesquisa sobre o comportamento intelectual e afetivo medieval. De acordo com vários estudos recentes, a espiritualidade mística e feminina, que é revelada nas biografias espirituais produzidas na diocese de Liège, resulta de uma fusão entre a teologia cisterciense da Caridade e a resposta radical dada por essas mulheres às suas necessidades sócio-religiosas.

Ao longo do século XII vemos, por um lado, o comportamento coletivo em relação ao divino transformado ganhando uma forma mais humana, impulsionado teoricamente pela doutrina cisterciense da Caridade que leva a uma procura de conhecimento sobre a pessoa humana, sobre os elementos que a constituem, tal como as paixões da alma. Por outro lado, a experiência da beatitude, do amor de Deus, da plenitude do saber divino e do poder que decorre deste, nas mulheres piedosas, representantes de uma nova forma de espiritualidade mística, se torna um objeto de análise. Buscando dar conta de uma piedade moderna, voluntária (o movimento beguinal), mas destinada ao controle eclesiástico (a clausura monástica), os homens da Igreja, que se tornam hagiógrafos, acabam por refletir sobre como essas mulheres simples conhecem os mistérios divinos e sentem perfeitamente a Caridade, vivida plenamente como amor do Cristo e amor do próximo. Esse comportamento místico maravilhoso permite pesquisar a alma, o intelecto, o amor, a razão, a vontade e, finalmente, a « natureza » dessas mulheres. Pensamos poder dizer que, nessa reflexão sobre os modos de conhecimento e de emoção, os textos hagiográficos, escritos por homens imbuídos da teologia mística cisterciense, mas pertencentes à primeira escolástica, nos fornecem uma verdadeira « antropologia hagiográfica », uma antropologia da santidade.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente de História Antiga e Medieval da Faculdade de Formação de Professores – (FFP-UERJ). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Mestre em Literatura Francesa (Texto, Imaginário, Sociedade) pela Université de Paris VIII – Saint Denis.

É necessário primeiramente isolar as estruturas significantes dos Prólogos a fim de buscar a manifestação do amor do próximo - como amizade espiritual e mística – que, segundo pensamos, deve ser entendido como a base ontológica do discurso hagiográfico tal qual foi produzido, para dar conta de novas formas de devoção inspiradas por uma espiritualidade afetiva.<sup>2</sup> Os prólogos das *vitae* das mulheres piedosas brabantinas, seguindo o sentimento de Jacques de Vitry, contam, pois, sobre: a intenção do hagiógrafo (a transmissão consciente de um saber novo<sup>3</sup>); a relação entre sua concepção da escrita e a natureza dos fatos a serem contados (a presença do divino nas mulheres piedosas); os métodos que ele utiliza para harmonizar esses dois aspectos e assim autenticar seu relato. Ao analisarmos os prólogos de outras *vitae* escritas posteriormente à *vita* de Maria d'Oignies, vemos que, apesar das intenções, da consciência do empreendimento hagiográfico e de suas justificativas visando sua legitimação serem comuns, sua intensidade, quer dizer, o engajamento do biógrafo varia segundo a quantidade de amor que ele traz pela beata, podendo identificar-se com as realidades vividas por ela ou delas se distanciar, deixando a garantia de veracidade no testemunho para os que de fato as amaram de um amor de amizade. Podemos perceber então o papel essencial que tinham aqui as relações afetivas na própria dinâmica do relato e na estrutura da narrativa.

Esses prólogos traduzem, com efeito, a reflexão dos biógrafos sobre a relação existente entre a linguagem e a essência da espiritualidade das mulheres piedosas, ou, mais precisamente, sobre os limites da escrita quando se trata de expressar seu "maravilhoso místico". A questão que os hagiógrafos devem ter se colocado, em um primeiro momento, e que de fato Jacques de Vitry se colocou,<sup>4</sup> é a de saber como dar conta dessa espiritualidade e de sua manifestação, como justificá-la e autenticá-la. O sistema teológico cisterciense fornece a maioria das respostas quanto à doutrina e ao vocabulário, mas as sensibilidades são diferentes, na medida em que elas são acentuadas e deslocadas para um outro contexto comunitário, não monástico e em

---

<sup>2</sup> Veremos mais precisamente que o amor do próximo é fruto do amor de Deus, nos dois sentidos do sintagma.

<sup>3</sup> Esse saber infuso confere às mulheres um poder, permitindo-lhes assim se substituir ao poder eclesiástico e ao mesmo tempo sustentá-lo, mas, principalmente, é o fundamento da possibilidade de afeto e de amizade entre homens e mulheres.

<sup>4</sup> Perguntando-se sobre que obra podia contar os fatos maravilhosos da vida de Maria d'Oignies, Jacques de Vitry coloca os limites do gênero, que ele termina por transformar.

direção ao sexo oposto. Daí nascem preocupações que se juntam: a intenção primeira do hagiógrafo no momento da composição do relato (a edificação dos fiéis), a escrita do texto e o estilo empregado (determinados pela humildade e obediência ao dever de escrever). Essas preocupações se relacionam com o sentido dado à obra, e elas traduzem duas tendências: a eloquência e a retórica utilizadas para dizer a "verdade", garantindo assim a credulidade em relação aos fatos consignados por escrito graças a testemunhas dignas de fé e a omissão dos fatos por uma necessidade também relacionada às testemunhas dignas de fé. Depois destas justificativas literárias e metodológicas, os hagiógrafos mencionam os verdadeiros destinatários dos opúsculos - os amigos da comunidade - aqueles que determinam a vontade de escrever. Todos esses pontos se articulam entre si e chegam a uma resposta comum, a do dever de amor de amizade.

Os prólogos mostram que as *vitae* foram escritas para uma audiência limitada, extratos dos textos podendo ser adaptados para as necessidades das pregações. Circulavam em um mundo fechado e eram produzidos por e para uma rede de amigos que acreditavam no poder e no saber das santas mulheres e, por isso mesmo, as amavam. Dentro desse círculo os leitores e os ouvintes dessas *vitae* vão reviver os gestos dos quais eles mesmos foram os beneficiados. Isso implica uma aparente contradição: porque, uma vez que os amigos conhecem as proezas místicas dessas mulheres, querer reafirmá-las por meio de um estilo conveniente e de testemunhos verídicos? Talvez aí se situe a expressão de um desejo, ao nível escatológico, de institucionalização do movimento beguinal e de controle efetivo da sua espiritualidade, de uma necessidade escolástica de conhecimento do comportamento místico; mas também podemos ver a necessidade de expressão de um profundo amor. Os biógrafos são provenientes de meios culturais distintos. São cônegos regulares, de inspiração universitária e dominicana, tais como Jacques de Vitry e Thomas de Cantimpré, e cistercienses, como os biógrafos de Ida de Nivelles, Ida de Léau, Ida de Louvain. O biógrafo anônimo de Juliana pode ter sido cônego regular do Capítulo de Saint-Martin ou um irmão do leprosário de Cornillon. Nesse sentido, o quadro institucional dessa produção hagiográfica se mostra bastante largo, e sua unidade deve ser realmente considerada à luz das heranças cistercienses e vitorinas, mas, sobretudo,

como resposta comum às transformações sócio-religiosas ocorridas na virada dos séculos XII e XIII.

No nosso questionamento sobre qual poderia ser o motivo que levou os biógrafos, assim como os superiores que lhes pediram para colocar por escrito as vidas das beatas ou para traduzi-las em latim,<sup>5</sup> a tal empreendimento. Inicialmente dois motivos são declarados : um que responde à própria natureza do relato hagiográfico - a edificação dos fiéis e a exaltação da Igreja ; e, outro, ligado às regras do gênero, que é a evocação da humildade e da obediência aos pedidos expressos. De fato, a intenção primeira de todos os biógrafos é a de “fortificar a fé dos fracos, instruir os ignorantes, incitar os preguiçosos, provocar os devotos à imitação e confundir os rebeldes e infiéis”.<sup>6</sup> Assim, o biógrafo de Ida de Nivelles escreve pela perfeição da Igreja e para a confusão do Diabo que ela, como serva do Cristo, venceu.<sup>7</sup> Nos prólogos as três *vitae* que escreve Thomas de Cantimpré mostra para sua audiência os motivos que o levaram a consignar por escrito os fatos e gestos da beata : redige a *vita* de Cristina, a Admirável para a edificação dos leitores e para a glória do Cristo,<sup>8</sup> e a *vita* de Lutgarde d'Aywières é dedicada à abadessa e ao seu convento,<sup>9</sup> para a edificação dos leitores,<sup>10</sup> mas também para satisfazer sua própria devoção.<sup>11</sup> O único que escreve buscando um reconhecimento oficial é o biógrafo de Ida de Louvain.<sup>12</sup> Veremos, entretanto, que o gesto hagiográfico não é puramente e propriamente devocional.<sup>13</sup>

---

<sup>5</sup> Nos remetemos à *Vita Julianae* e à *Vita Beatricis*.

<sup>6</sup> *Prol. Vita Mariae Oignac.*, Op.Cit, §1, p.547.

<sup>7</sup> *Prol.Vita Idae Nivelensis, Catalogus codicum hagiographicorum bibliothecae regiae Bruxellensis*, appendix ad cod. 8609-8620. *De Beatae Ida de Rameia virgine*, t. II, pp.222-226.

<sup>8</sup> *Prol. Vita Christ.*, Op.Cit, §3, p.650.

<sup>9</sup> O prólogo é um carta-dedicatória à abadessa d'Aywières Hawide: "*Dominae reverendae, et in Christo plurimum diligendae Hawidi ; concessione divina in Aquiria Abbatissae, totique cum ea sanctissimo Conventui, Frater officio Supprior, sed Fratrum Praedicatorum minimus salutem ; et bene hoc, quod sibi.*" *Vita Lutgardis*, éd. G.Henschen, *Act. SS.*, Junii. t. IV, Paris, 1867, pp. 187-210. *Prol.*, §1, p.189.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem. Thomas de Cantimpré havia prometido escrever a *Vita Lutgardis* em troca de um dedo, o auricular, da beata, Cf. I. III, chap. 3, § 19. p.208.

<sup>12</sup> *Vita Idae Lovaniensis*, éd. D.Papebroeck, *Acta SS.*, Apr. t.II, Paris, 1866, p.156-189. *Prol.*, p.158.

<sup>13</sup> Na *Vita Julianae* e na *Vita Idae Lewensis*, o motivo da escrita está diretamente ligado ao sentido dado ao gesto hagiográfico, ao amor e à caridade expressos em um outro sentido do que o de Thomas de Cantimpré no seu prólogo à *Vita Lutgardis*, o da consolação dos amigos.

O relato hagiográfico medieval obedece às regras estabelecidas e aos modelos legados pelos Pais da Igreja. A tradição quer que o empreendimento hagiográfico seja justificado pela natureza edificadora do gesto santo, insistindo sobre a preponderância do exemplo sobre as palavras. Os biógrafos repetem então Gregório, o Grande, para quem os exemplos oferecidos aos fiéis são mais eficazes do que as palavras.<sup>14</sup> O verbo utilizado sem cessar para expressar o efeito salutar do exemplo, *movere*, significa a força que faz tender em direção à beatitude, e isto porque não se pode compreender (*intelligere*) a relação com o divino, mas se pode senti-la (*sentire*) através dos *affectus*. Eles testemunham, aliás, através do tema da miséria do mundo associado ao exemplo salutar que as beatas podem oferecer, uma visão apocalíptica onde a esperança de salvação e de consolação repousa na renovação espiritual trazida pelas mulheres pidedosas de Liège: Deus julga digno manifestar sua glória por intermédio dessas mulheres, imbuídas de um saber novo e eficaz. Os dois biógrafos distinguem aqui duas categorias de saber: o saber infuso das mulheres e o saber adquirido dos homens.<sup>15</sup> O recurso as *auctoritates* serve para justificar o empreendimento hagiográfico. No fio dessa tradição, Jacques de Vitry apela para Jerônimo, que havia recolhido por escrito os gestos dos santos, mas apresenta as preocupações novas e imediatas desse empreendimento, nascidas justamente do desejo de fazer dessas mulheres, ‘testemunhas da luz divina’, um exemplo para todos.<sup>16</sup> Como no prólogo à *vita* de Maria d'Oignies, um questionamento aparece entre os hagiógrafos diante do dever de contar os gestos de uma vida religiosa extrema - e portanto suscitando incredulidade – das mulheres com as quais estabeleceram laços de amizade.<sup>17</sup> Esse último ponto não é o que coloca problema,

---

<sup>14</sup> "*plus exempla quam verba movent.*" *Moralia in Job*, PL. 75, col. 1004 et *Dialogorum*, liber I, ch. 12, PL. 77, col. 213b-c..

<sup>15</sup> Thomas de Cantimpré faz eco à afirmação de Jacques de Vitry, que diz ter recebido a graça da pregação pelo efeito das orações de Maria d'Oignies. *Vita Lutgardis* II, chap.1, §3 ; *Vita Mariae Oignac.*, §69, p. 562. Em sua *Historia Occidentalis* Jacques de Vitry critica o saber dos mestres de Paris, inchados de uma glória vã. "*Theologie doctores, supra cathedram Moysi sedentes, scientia inflabat, quos caritas non edificabat.*" De statu parisiensis civitatis. *Historia Occidentalis*, Op. Cit. ch. VII, p. 93

<sup>16</sup> *Prol. V. Idae de Niv.* Op.Cit., p. 222 ; *Prol. Vita Beatricis*, l.c., § 6, p.15 ; *Prol. Vita Idae Lewensis*, Op.Cit., § 1, p.107). Cf. Jn, I, 8 et Apc. 21, 23.

<sup>17</sup> Se o conhecimento íntimo dessas mulheres pelos hagiógrafos não é uma realidade em todas as *vitae*, vemos que quando é o caso é um componente determinante. Jacques de Vitry e Thomas de Cantimpré

pois eles não sentem a necessidade de justificar seu amor, cuja causa é justamente a abundância das graças cujas mulheres são o receptáculo e que são por elas transmitidas. Assim, vemos que a alegação de humildade e de rusticidade (seja ela realmente sentida como tal ou seja simples figura de retórica) diante da dificuldade da colocação em discurso de uma realidade transcendente - tarefa que é imposta aos hagiógrafos ou que eles se impõem a si próprios (pelo desejo de responder a uma afeição cujo objeto, a beata, se acha doravante ausente corporalmente) - cede diante do dever de obediência ao sentimento do(dos) mandatário(s) e da impossibilidade de declinar do pedido formulado em termos afetuosos.

O biógrafo de Ida de Léau, retido nos laços da caridade (*caritatis vinculo coarctatus*),<sup>18</sup> se dobra às insistentes e inquebrantáveis demandas de seus amigos. O biógrafo de Juliana se submete ao pedido de Jean de Lausanne, cônego de Saint-Martin, que ele contava entre seus amigos (*quem in amicorum suorum numero, ..., computabat*), apesar de se sentir indigno de tal amizade e de tal empreendimento.<sup>19</sup> O biógrafo de Ida de Louvain, enfim, procura satisfazer as súplicas de seus mandatários.<sup>20</sup> Mas é o de Ida de Léau que argumenta com a *potestas amicitiae* e com a *violentia caritatis*<sup>21</sup> para justificar seu gesto temerário. O amor deles os perdoa a audácia de escrever o indescritível. Depois de ter cedido às demandas, os hagiógrafos devem refletir sobre o estilo a ser utilizado e sobre sua capacidade literária. O biógrafo de Ida de Nivelles é o que mais se demora discorrendo sobre a eloquência hagiográfica. Ele chama a atenção para a temeridade daqueles que se lançam no relato das virtudes dos santos e santas, mas que, sem possuir a qualidade natural necessária, nem a educação erudita, devem ornamentar seu relato de elementos estilísticos e se vêem constrangidos em mostrar a aridez de seu gênio.<sup>22</sup> Nesse esforço de escrita, diz ele, os temerários sucumbem.<sup>23</sup>

---

conheceram e amaram Maria d'Oignies e Lutgarde, mas o biógrafo de Juliana confessa ser muito jovem para poder provar o consolo do seu afeto.

<sup>18</sup> *Prol. Vita Idae Lewensis*, Op.Cit, p. §1, p.107.

<sup>19</sup> *Prol. Vita Jul.* Op.Cit, p. 434.

<sup>20</sup> *Prol vita Idae Lov.*, op.cit., p.158.

<sup>21</sup> *Prol. Vita Idae Lewensis*, §2.

<sup>22</sup> *Prol.Vita Idae Nivel.*, appendix, Op.Cit, p. 222. O biógrafo volta à questão da relação entre a verdade teológica e a linguagem, a dicotomia tradicional entre *res* e *verba*.

<sup>23</sup> *Prol. Vita Idae Nivel*, appendix, op. cit., p.222.

Na *vita Lutgardis*, Thomas de Cantimpré afirma, buscando em Agostinho, que os bons espíritos amam não as palavras, mas as verdades que contém,<sup>24</sup> e apela à Caridade, que tudo crê e tudo suporta, para que os leitores, no coração dos quais Deus espalhou o espírito da Caridade, creiam e suportem o relato, se ele vacilar no estilo.<sup>25</sup> Mesmo afirmando sua incompetência e utilizando reminiscências ciceronianas, o biógrafo de Ida de Léau considera que não é a doçura das palavras, mas a beleza da matéria que deve agradar e provocar o desejo dos leitores e dos ouvintes.<sup>26</sup> Em revanche, sublinhando que o estilo importa pouco em relação à importância do tema, o biógrafo anônimo da *Vita Julianae* é o único a crer que, se a verdade é dita em sua pureza e simplicidade, é digna de ser aceita, mas que os ornamentos estilísticos lhe confere, entretanto muito mais interesse. Ele suplica então à sua audiência, em quem a graça de bem dizer abunda, para corrigi-lo.<sup>27</sup> Depois de ter anunciado sua incompetência e afirmado que eles apenas obedeciam a demandas afetuosas, os biógrafos insistem novamente sobre a dificuldade de sua tarefa diante da matéria a ser tratada, cuja linguagem empregada para expressar foi desenvolvida por Jacques de Vitry. O biógrafo da *vita* de Ida de Nivelles confessa que não será espantoso que seu espírito vacile e que ele não consiga terminar sua obra, a admirável conversão da beata apresentando maior dificuldade, uma vez que ele deve descrever suas santas afeições (*affectiones*), as luminosas contemplações e toda sorte de graças e dons com os quais o Esposo a enriqueceu.<sup>28</sup> De fato, os fenômenos místicos manifestados nos corpos das beatas, fruto de seu "*hiper-affectus*", são aqueles que conferem as qualidades de um corpo glorioso - a *impassibilitas*, a *claritas*, a *agilitas* e a *subtilitas* – lugar onde se confundem natureza e graça.

Em sua *Vita Lutgardis*, Thomas de Cantimpré acredita que não se escreve há muito tempo a vida de alguém que recebera tantos sinais de virtude e guardado as prerrogativas de tantas maravilhas e milagres,<sup>29</sup> <sup>30</sup> acrescentando : "*Si autem*

---

<sup>24</sup> " *Prol. Vita Lutgardis*, op.cit., § 2, p.189. cf. *De doctrina Christi*, l. IV, cap. 11.

<sup>25</sup> *Prol. Vita Lutgardis*, op.cit. §2, 189.

<sup>26</sup> *Prol. V. Idae Lew.*, Op.Cit, § 2, 107.

<sup>27</sup> *Pro. Vita Jul.*, Op.Cit., p.443.

<sup>28</sup> *Prol. Vita Idae Niv.*, appendix, Op.Cit., p. 223.

<sup>29</sup> *Prol. Vita Lut.*, Op.Cit, p.189. Querida ele se remeter à *Vita Mariae Oignacensis* ?

<sup>30</sup> *Prol. Vita Lut.*, Op.Cit, p.189

*quaeritur, quomodo legentibus fidem faciam de iis omnibus, quae conscripsi.*"<sup>31</sup> Isso nos remete novamente à questão do apelo às testemunhas, que pode em princípio constituir o método de base de autenticação do relato, e à preocupação recorrente que habita o coração dos hagiógrafos: como fazer as pessoas crerem em relatos tão maravilhosos, que excedem a compreensão humana?<sup>32</sup> Essa questão traz dois problemas: o do chamamento das testemunhas suscetíveis de autenticar seus relatos e o das eventuais omissões. Os biógrafos, como vimos, estão, de fato, conscientes de que a santidade é doravante vivida de forma diferente - eles relatam a plenitude da experiência mística e a maneira através da qual as beatas saboreiam a doçura e a suavidade da presença do Esposo. Quanto às maravilhas da *Vita Juliana*, elas são conhecidas e críveis pelo biógrafo por terem sido sabidas e relatadas "pelas pessoas veneráveis e dignas de fé, tanto mais que algumas dentre elas viveram ao lado da virgem se não durante toda sua vida, ao menos algum tempo,<sup>33</sup> e sobretudo porque algumas, tendo obtido a graça especial de sua afeição (*specialem dilectionis ejus gratiam consecutae*), tiveram conhecimento, no que concerne sua vida e virtudes, de numerosos fatos que lhe contaram, sem que aí esteja misturado o fermento da mentira".<sup>34</sup> Entretanto, o autor sublinha a pobreza de seu relato, na medida em que as testemunhas, que foram os companheiros desta virgem "em tempos de paz e em tempos de perseguição", e que a conheceram melhor que outros, morreram antes dela (aliás como desejavam) e não deixaram, por sua vez, nenhum confidente.<sup>35</sup> Apesar dessa ausência vê-se que, apoiando-se nas informações obtidas junto a pessoas que tiveram o privilégio de ser o objeto do amor de Juliana, e por isso mesmo de conhecer seus segredos, o narrador assegura a fidelidade de seus relatos. Aparece, então a afetividade ligada ao conhecimento íntimo do outro, fortalecida pela experiência comum vivida em tempos de felicidade e tristeza – no caso, a perseguição de Juliana empreendida pelos escabinos da comuna de Liège – *topos* da perfeição da amizade.

---

<sup>31</sup> "Mas se me perguntarem como eu farei crer aos meus leitores todas as coisas que eu escrevi.." *Prol. Vita Lutgardis*, Op.Cit., §2, 189.

<sup>32</sup> "...*Omnem hominis intellectum excedere.*" *Prol. Vita Christinae Mirabilis*, Op.Cit., § 3, p. 650.

<sup>33</sup> *Prol. V. Jul.*, Op.Cit., p 442.

<sup>34</sup> *Idem.*

<sup>35</sup> *Idem.*



O biógrafo de Ida de Nivelles escreve o que “os olhos e ouvidos das pessoas dignas de fé viram e ouviram para fazer calar aqueles que dizem iniquidades”.<sup>36</sup> O de Ida de Louvain, o mais distante de seu objeto, se diz não o autor, mas o coletor da *vita*, uma vez que reuniu e organizou escritos dispersos para compô-la. Mas, tendo aprendido algumas coisas *ex verbali relatione*, ele acredita estar relatando a verdade, pois aqueles que lhe contaram são dignos de fé : trata-se dos amigos espirituais (*spiritualium amicorum*) e do confessor de Ida, que foi seu companheiro e confidente (*secretorum conscius et symmista*).<sup>37</sup> De fato, para ele, é pela santidade e dignidade desses testemunhos que o nome de Ida deve estar inscrito no catálogo dos santos. Mas, apesar do hagiógrafo não ter em nenhum momento tido relações amicais ou espirituais com Ida, seu texto é aquele que se mostra mais carregado de um vocabulário expressando a afetividade. Sendo também o mais tardio, pensamos que esses temas, estilo e vocabulário se tornaram mais correntes. De fato, a intensidade do amor sentido pela beata por outrem determina o grau de conhecimento e de experiência partilhados que implicam a troca mútua e dão fé aos testemunhos. O fato de que a veracidade do relato tenha como eixo o valor dos testemunhos implica por sua vez a necessidade, da parte dos biógrafos, de esconder alguns fenômenos. O argumento dos biógrafos concerne o conteúdo maravilhoso das revelações divinas feitas às beatas, à falta de testemunhos e ao desejo de humildade das beatas de guardar alguns segredos,<sup>38</sup> o que coloca a questão do conhecimento perfeito, que só é possível na concepção de uma amizade mística. Assim, Thomas de Cantimpré omite alguns fatos que concernem Lutgarde seja porque são tão sublimes que não podem ser compreendidos, seja porque não encontrou um testemunho conveniente.<sup>39</sup> O de Ida de Léau precisa que ele deve esconder algumas coisas, de conteúdo maravilhoso, porque podem servir aos seus detratores, mas também porque algumas testemunhas desses fatos estão ainda em vida.<sup>40</sup> O biógrafo anônimo de Juliana afirma que a humildade

---

<sup>36</sup> *Prol. Idae Niv.*, appendix, Op.Cit., p.222.

<sup>37</sup> *Prol. Vita Idae Lov.*, Op.Cit., p.158.

<sup>38</sup> A importância do desejo do segredo reside também no fato de que por esta asserção os biógrafos mostram que um outra natureza constitui as beatas. Ver o episódio da demanda de Thomas de Cantimpré de um mão de Lutgarde *Vita Lutgardis*, Op.Cit. I. III, chap. 3, § 19, p.208.

<sup>39</sup> *Ibidem.*, p.189.

<sup>40</sup> *Prol. Vita Idae Lewensis*, Op.Cit. § 3, p. 108.

sendo *amica* da beata, ela não queria divulgar a plenitude das graças que recebeu, reveladas apenas quando o Espírito Santo relaxava o freio da sua boca.<sup>41</sup>

A importância da amizade, e portanto da rede de amigos, é aqui marcada uma última vez na dedicatória que se encontra no fim do prólogo da *Vita Idae Nivelensis*, na qual o autor desvela sua verdadeira intenção. Recorrendo à estrutura narrativa de Jacques de Vitry, o biógrafo de Ida de Nivelles dedica ao fim de seu prólogo a redação da *vita* a todos os amigos da beata (*omnibus amicis ejus*) para que, “como em um espelho resplandesciente de luz, eles vejam de alguma forma reviver aquela que eles amaram e que se aventuram em imitar”.<sup>42</sup> Mas ele dedica a *vita* “de uma maneira toda especial (*specialiter*) àqueles que a amaram especialmente” (*specialibus dilexerunt*) e que, tratando-se de amigos especiais, ela amou-os especialmente (*quos specialius ipsa dilexit*).<sup>43</sup> O biógrafo recorre à metáfora do espelho para expressar a idéia de que, se ele quer reencontrar a Semelhança, o amigo deve perseguir um progresso espiritual – a santa já tendo adquirido a Semelhança divina. E para reencontrá-la, ele deve reconhecer seu desejo, purificá-lo para em seguida reorientá-lo. Orientar seu desejo em direção à felicidade faz parte daquilo que chamamos de "educação sentimental" que as beatas conferem a suas companheiras, e é o motivo das *affectiones* constituírem um dos temas das *vitae*.

Assim, nas conclusões dos prólogos, os biógrafos podem voltar às suas considerações sobre a matéria e o estilo empregado, como na *Vita Idae Lewensis*.<sup>44</sup> A conclusão do prólogo da *Vita Julianae* é também rica em notas afetivas. O autor anônimo se dirige à beata e pede-lhe para se lembrar daqueles que, enquanto ela vivia na carne, ela teve como amigos e familiares (*amicos et familiares*).<sup>45</sup> Ele está seguro, como Jacques de Vitry em relação à Maria d'Oignies, de que ela preencherá as mesmas funções que ela tinha aqui em baixo : consolar, exortar, rezar, suportar, obter graças.<sup>46</sup> Ligada a Deus, que é Caridade, ela está cheia de Caridade,<sup>47</sup> pois *affectus*

---

<sup>41</sup> *Prol. V. Jul.* Op.Cit., p.442.

<sup>42</sup> *Vita Idae Nivel.*, appendix, Op.Cit., p.226.

<sup>43</sup> *Idem.*

<sup>44</sup> *Concl. Vita Idae Lewensis*, Op.Cit. §58, p.124. Aqui, a exemplo do hagiógrafo de Juliana, o autor confessa que a beleza do tema merece uma obra digna dela.

<sup>45</sup> *Concl. V. Julianae*, l. II, §51, p.474.

<sup>46</sup> *Idem.*

*tuus non est imminutus sed immutatus.*<sup>48</sup> E ele pede-lhe para se “lembrar de [seu] escritor” (*scriptoris tui*), que, por causa de sua idade mais do que por causa de sua falta de sabedoria, não teve o cuidado de segui-la e de imitá-la em sua graça. Ele oferece-lhe então, ajoelhado, a obra que compôs por demanda dos dela (*ad tuorum instantiam*), pedindo-lhe para -lo entre seus familiares. De fato, segundo ele, houve um tempo em que ele pôde aceder a ela pelo intermédio daqueles que ela havia amado especialmente (*quos in carne degens specialiter diligebas*) e que os conheciam e os amavam, a ela e a ele, com um amor mútuo, mesmo que de maneira dissemelhante em razão da dissemelhança dos méritos - ela virgem, santa de carne e de espírito, conhecida e amada, e ele amado pelo favor e graça dos seus amigos.<sup>49</sup> O lamento do hagiógrafo é significativo no sentido em que ele afirma que a presença carnal das beatas é essencial para a salvação dos amigos. Ele reitera a importância da rede de amigos espirituais e o caráter transitivo da espiritualidade das mulheres piedosas, que, pelo conhecimento e pelo amor, partilham seus méritos e suas graças místicas. O biógrafo anônimo pede finalmente que, através de suas preces e dos méritos de Juliana, o Bem-Amado venha em seu socorro, dando-lhe a solidez na ação, a disciplina nos hábitos, a consolação nos tormentos, a devoção na oração, a direção e a doçura na meditação e, finalmente a ordem nos afetos (*ordinationem in affectionibus*).<sup>50</sup> O papel da beata é de fato o de re-formar, no sentido de dar no presente, a substância que é o amor, pela graça da Caridade do Cristo, para que, no futuro, o hagiógrafo receba a glória e a beatitude eternas.<sup>51</sup>

#### **Fontes :**

B. Marie d'Oignies, (23 juin 1213) f°146-178. Junii., t.v, p.630-684. Ex Variis codicibus Mss. Suplemento ex mss. et editione Arnoldi Rayssii.

B. Christine l'Admirable, (- + le 24 juillet 1224). *Acta Sanctorum Julii*, t.v, p.650-60.

---

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> *Vita Juliana*, l. II, § 51, p. 474.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> *Vita Juliana*, Op.Cit, l. II, § 51, p.474.

B. Ide de Nivelles. (\* v.1197/1200 - + 1231/32). *Catalogus codicum hagiographicorum bibliothecae regiae Bruxellensis*, appendix ad cod. 8609-8620. f°146-178.

De Beatae Ida de Rameia virgine, t. II, pp.222-226. Ms. Bibliothèque Royale de Bruxelles 8895-96, f°1-29v. Do século XIII proveniente do mosteiro de la Ramée et 8609- 20

B. Lutgarde d'Aywières, vierge. (\* 1182/83 - + 16-17/06/1246).  
*Acta Sanctorum*. Junii t.III, pp. 234 - 262. Codex 8609-8620 (f°100r°-127v°) BRB.

S.Julienne du Mont Cornillon (1197 - + 5 avril 1258) *Acta Sanctorum* Aprilis t.I, Anvers, 1675. pp.437-475 (3°ed.442-75), n.1-54.

"Catalogue général des manuscrits des bibliothèques publiques de France". "Bibliothèque de l'Arsenal, t.3, Histoire de la Bibliothèque". Paris 1899. pp.274-278.

B.Ide de Léau. (+ v. 1260). *Vita Idae Lewensis*.  
*Acta Sanctorum*, 29 oct. t. XIII. Paris 1883, pp.100-124. ed.R. de Buck, Paris, 1883, pp.100-35. (en marge variantes du ms. 135 de l'université de Liège). Antuerpiae Oct. XIII. pp. 107-24.

B. Ide de Louvain. (\* 1211 (?) 13 abril 1290). *Vita Idae Lovaniensis*. *Acta Sanctorum* 13 avril, t.II Anvers 1676. pp.155-189. Vita ex mss. schedis Hugonis Confessari ab auctore anonymo compilata, edita ex Ms. Rubeae-Vallis.

*Vita praeclare virginis Margarete de Ypris* Editada por G.Meersseman o.p. *.Prêcheurs et Mouvement Dévot en Flandre au XIIIe*. Archivum Fratrum Praedicatorum v.XVIII-1948. pp. 69-130.